



Retratos e Canções do Brasil

Raimundo Ferreira de Vasconcelos e Vasconcelos*

RESUMO

Este artigo emoldura um cenário recente da música popular brasileira com seus principais cantores, cantoras e canções, a partir dos anos 1980 até aos dias atuais. Aborda também alguns problemas enfrentados pela indústria fonográfica brasileira como a pirataria, o anacronismo de nossa legislação autoral, os elevados preços cobrados pelos CDs e DVDs, dentre outros. Os artistas e músicas mais ouvidas nas principais emissoras de rádios e TVs do Brasil foram decisivos para a elaboração desta pesquisa empírica.

PALAVRAS-CHAVE

Música popular brasileira; cantores brasileiros; canções brasileiras; indústria fonográfica brasileira; processo de globalização.

ABSTRACT

This article shows a recent portrait of Brazilian pop music and its most important singers and songs since 1980 until today. It also shows problems faced by Brazilian phonographic industry like piratary, anachronic copyright laws, expensives CDs, DVDs among others. Most favorite composers, songs and artists in the major Brazilian radios and TVs have been decisive to elaborate this empyric research.

KEY WORDS

Brazilian pop music; Brazilian singers; Brazilian songs; Brazilian phonographic market. Globalization process.

* Economista, doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo - USP, e mestre em Economia Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. É também docente e coordenador do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, responsável pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão no citado curso. Criou e editou (até a 17ª. Edição) a revista *Data Vênia*, periódico acadêmico-jornalístico e online do curso de relações internacionais/Febasp e assinou alguns de seus editoriais, artigos, resenhas e ensaios. Contacto: raimundo.vasconcelos@belasartes.br



Introdução

“Isso aqui oh, oh, é um pouquinho de Brasil aiá, de um Brasil que canta {até suas mazelas} e {tenta ser} é feliz e não se entrega {jamais}”, cantarolava o saudoso compositor e cantor Gonzaguinha, filho de nosso também saudoso e eterno rei do baião, Luiz Gonzaga, porquanto de fato somos um país musical, agraciado pelo arquiteto do universo com belezas naturais e dotado de rara e abundante riqueza musical. Sobre parte dessa riqueza discorrerá este texto. Embora não seja especialista no tema, escrevo enquanto consumidor exigente e amante da boa música, independente do gênero, época e lugar, pois a qualidade é o fator decisivo a fazê-la ultrapassar fronteiras.

Ciente ainda da ousadia ora assumida, procuramos ouvir e selecionar durante trinta dias quais as músicas mais tocadas em nossas emissoras de rádio FM de grande audiência¹, bem como assistir aos programas musicais televisivos, em particular os apresentados pela Rede Globo, Record, Band, TV Cultura, MTV, além do Multi Show (canal por assinatura). E como fio condutor da análise, daremos ênfase a partir dos anos 1980 além de optarmos também por reunir a um só quadro, os dez principais e mais ouvidos cantores, cantoras e canções do Brasil, de hoje e de sempre, reunidos de modo empírico e sob a narrativa ensaística. Naqueles de sempre, agrupamos artistas que, mesmo anteriores aos anos 1980 – estejam vivos ou não – continuam prestigiados pela crítica e pelo público em geral, enquanto no rol dos de hoje, vislumbramos os mais ouvidos e assistidos nas respectivas estações de rádio e TV.

Nossa maior dificuldade, vale dizer, recaiu no elenco das canções de hoje, face ao grandioso e qualitativo montante de sucessos musicais, impossível de reunir apenas dez sem cometer injustiças. E o mesmo ainda poder ser dito com relação às canções do passado, cuja visita continua até hoje muito agradável aos nossos ouvidos e assim, pertencem ao passado, ao presente e ficarão para todo o sempre. Intentaremos pois traçar aqui um perfil musical de nosso país, a partir dos anos 1980 até os dias atuais, através de uma busca exploratória e empírica do nosso cancionário, seus artistas e canções pronunciados pelos dez melho-

¹ Rádios Alpha; Nova Brasil; Metropolitana; Cidade; Jovem Pan e Rádio USP.



res em cada categoria – escolha minha – de todos os tempos e da atualidade, submetendo-os a julgamentos *expost* e desde já remeto convite aos leitores para aceitar, refutar ou alterar a listagem no quadro montado.

Cantores e Cantoras brasileiros de hoje e de sempre

Na elaboração do referido quadro,² considerou-se o gosto e a preferência musical do autor, associado ao desfile musical proporcionado por algumas das principais emissoras brasileiras de rádio FM, bem como das nossas estações de TV conforme sublinhadas anteriormente.

Para evitar as denominações “do passado” ou “não-vivos”, optamos por reunir numa mesma listagem, artistas de sempre, mesmo nem todos estando mais entre nós, embora não saiam de nossa memória como Cazuzza, Renato Russo, Tim Maia, Clara Nunes e Elis Regina. Tal listagem, ao ir além dos dez mais, contemplaria Jessé, Raul Seixas, Cássia Eller, Chico Science entre outros. Para uma menção honrosa, lembremos nossa cantora-maior, Elis Regina, cujo espaço entre nós ficou pequeno demais para seu talento e assim, ela decidi (?) ir cantar numa galáxia maior.

E ao diferenciar cantor de intérprete, Roberto Carlos comparece nesta última categoria como nosso maior representante, embora não seja mais o letrista-poeta de outrora, a nos brindar com sutilezas do tipo “a velha calça desbotada ou coisa assim; e só me encontro se me perco no seu corpo” e tantas mais, continua imbatível como nosso maior intérprete, ladeado por nossas maiores vozes entre cantores, Agnaldo Rayol e Milton Nascimento. E no time feminino, destaca-se a interpretação marcante de Maria Bethânia, enquanto a Gal assume o posto de cantora-maior, depois de Elis que, conforme visto antes, apenas mudou-se para...

Face à riqueza de nosso talento musical já referida, listar apenas os dez melhores e preferidos pela maioria do público, afirma-se temerário sob pena de

² Ainda sou grato pelas sugestões e ratificações colhidas em família (Cléo e Amanda Vasconcelos).



incurrer em injustiças. Afinal, como não citar também os tri-|orge Aragão/Benjor/Vercilo, apesar de estilos diferenciados; Martinho da Vila, Leonardo, Lenine, Emílio Santiago, Guilherme Arantes, Ed Mota, Fagner, Alceu Valença, o talentoso Agnaldo Timóteo (pena pecar na escolha de repertório) e a grande promessa recém-lançada e personificada pelo cantor-intérprete Rick Vallen dentre os cantores, e ainda as chamadas duplas sertanejas (country à brasileira?) como Zezé di Camargo & Luciano, Bruno & Marroni, Chitãozinho e Xororó e tantas outras.

Já entre nossas cantoras, vale lembrar ainda da brilhante e injustiçada Cláudia, da afinada Zizi Possi, Vanusa, Fafá de Belém, Mônica Salmazo, Sandra de Sá e outras mais talentosas que, por não gravarem músicas descartáveis, estritamente comerciais e de gosto duvidoso, privam-nos de seu talento e com isso perde muito a Música Popular Brasileira – MPB. Uma surpresa recente e agradável na MPB foi a chegada da Maria Rita com seu talento e bom gosto musical, além da não menos agradável lembrança trazida da Elis que, mesmo sem preencher o total vazio deixado por ela - nem pretende, nem poderia -, contribui para amenizar nossa imensa saudade.

Outra boa surpresa ocorreu com a música instrumental, quem diria, na pessoa do saxofonista Caio Mesquita, recém-lançado pelo apresentador televisivo, Raul Gil, também padrinho artístico do Rick Vallen (candidato ao Grammy latino) e de outras grandes talentos lançados pelo mesmo apresentador, mas de sucesso efêmero e/ou restrito ao próprio Programa Raul Gil, talvez por falta de apoiadores *outsiders*, uma melhor orientação e até mesmo posturas inadequadas por parte dos candidatos.

Por outra parte, lamentamos a auto-retirada de cena do nosso grande letrista musical, Chico Buarque, cuja fonte de inspiração para compor parece ter-se esgotado. Também pudera, após intensa exploração a montante, deixou-nos musicalmente saciados, a jusante, aos nos brindar com belas e relevantes páginas musicais, nas quais explorou com elevada competência tanto a repressão política de nossos tempos ditatoriais, quanto a beleza e alma femininas. Cabe ainda mencionar nossas veteranas bandas musicais, dignas de nota como Roupas Novas, Titãs, Paralamas do Sucesso, Ira, Kid Abelha – atende hoje apenas por Paula Tol-



ler, vocal do grupo - e Skank, além de grupos mais recentes a exemplo de Capital Inicial, Cidade Negra e o mais jovem de todos, o grupo J-Quest, entre outros.

Resistência e qualidade na MPB

No Quadro I acima, da relação de cantores e cantoras de hoje, ao redor de 50% delas são compositoras de bom gosto e nível, enquanto uns 70% deles também, o que contribui para se sobrepôr à mediocridade existente e agregar qualidade à nossa MPB, tanto nas letras quanto nas melodias, visto termos também ótimos arranjadores. Não fosse isto, nosso lixo musical seria mais abundante pela produção interna somada à importação acabada ou transformada em versões para nosso idioma pátrio. Isto prova que o primeiro mundo também é capaz de produzir lixo musical, afinal, “nem toda feiticeira é corcunda, nem toda brasileira é bunda” como diz a Rita Lee, na música feiticeira interpretada primeiro pela Maria Rita e Zélia Duncan depois.

Não obstante, dispomos de ótimos compositores musicais além dos implícitos no quadro acima, mas sufocados pela pressão da indústria fonográfica, cuja opção em grande parte é por regravações e pela música comercial, descartável, com público ainda suficiente para fornecer rentabilidade a curtíssimo prazo, pois não sobrevive mais que três meses nas paradas de (in)sucesso, daí o título de descartável. Isto exclui hoje do mercado fonográfico brasileiro compositores do nível de Paulo Sérgio Pinheiro, por exemplo, o qual afirma “esperar a mediocridade baixar a bola” para poder lançar suas ainda inéditas composições. Como tantos outros sucessos, ele já produziu obras-primas como a linda canção batizada de Viagem, na qual se lê:

Oh, tristeza me desculpe, estou de malas prontas,
 hoje a poesia veio ao meu encontro,
 já raiou o dia vamos viajar.
 Vamos indo de carona, na garupa leve do vento macio,
 que vem caminhando desde muito longe, lá do fim do mar.



A durabilidade efêmera das canções comerciais, bem ou mal, é uma forma encontrada pelas gravadoras no sentido de contrapor elevados custos advindos de nossa não menos elevada carga tributária, sem falar dos prejuízos causados pela pirataria. Curioso aqui é acusar o camelô que comercializa CDs e DVDs piratas a preços baixíssimos, relativamente aos praticados pelos comerciantes regularizados – varia de R\$5,00 cobrados pelo primeiro para R\$30,00 cobrados por estes últimos – e não acusar aqueles que baixam as músicas direto de sites na Internet. Isto se deve ainda ao anacronismo de nossa legislação autoral que data de mais de uma década, carente portanto de atualizações, a exemplo de poder diferenciar cópia privada daquelas com fins de pirataria.

Forma-se então um círculo vicioso, na medida em que se consomem CDs e DVDs pirateados, adquiridos em “camelódromos”, pelas pessoas com baixa renda, supostamente mal informadas, além de outras com rendas mais elevadas (embora não o admitam de público) e, assim, fomentam a pirataria, bem como o lixo musical em prejuízo também dos artistas, vitimados pela própria pirataria e obrigados à realização de um excessivo número de shows mensais, além de terem de pagar por suas apresentações em certos programas televisivos. Outro fator agravante advém do atual processo de globalização, o qual tem lá seus benefícios, mas também embute malefícios ao trazer consigo uma intensa competitividade e, por conseguinte, redução drástica na vida útil dos produtos e pretensões de homogeneizar a produção e o consumo até mesmo em escala mundial; e não fosse assim tal processo não seria global, convenhamos.

Por conseguinte, impõe-se aos consumidores uns noticiários únicos (informação homogênea) produzido sempre pelas mesmas poucas e grandes agências de notícias; os mesmos programas em todas as TVs mundiais (*reality show*); o mesmo filme a numerosos consumidores mundiais (ditam e reforçam padrões de consumo); impõe-se ainda determinado gênero, qualidade (?) musical e sua durabilidade. A competição se acirra, mas nem sempre o suficiente para baixar preços dos CDs e DVDs, ainda mais quando se tratar de mercados oligopólicos, tal qual a indústria fonográfica e respectivo poder para controlar/impôr preços aos consumidores ditos soberanos. De nossa parte, nunca é demais repetir que se soberano fosse o consumidor, não precisaria de um código de defesa.



E nessa seara do manda quem pode e se defende quem também pode ou tem juízo, voltemos nossas atenções para as colunas V e VI do quadro anterior, as quais denotam que nem tudo está perdido no abundante celeiro musical brasileiro, porquanto nestas duas colunas por certo a injustiça se faz presente - mais por problemas de espaço -, ao não contemplar diversas outras canções dignas de nota dez e a se juntarem àquelas dez outras. Em nossas canções de todos os tempos (coluna V), cantamos a natureza, o amor, nossa cultura e belezas naturais, a natural beleza da mulher brasileira, nossos problemas político/sociais e até a nossa fé. Dessa variedade de temas fomos brindados com uma rica e bela aquarela musical, a aquarela brasileira.

Já nas canções da atualidade (vale repetir, tarefa inglória relacionar apenas dez), prepondera a temática do amor e mais ainda a da paixão, do desamor e seus desamados, não sempre com a mesma competência de outrora, pronunciada pelas canções de ontem e de todo o sempre. Prepondera ainda a temática social, comportamental e de relacionamento, enquanto arrefece o viés político pelo fato de, bem ou mal, vivermos hoje uma democracia. Com efeito, e felizmente em (quase) toda a América Latina dos dias atuais, não mais se justificaria uma bela e inesquecível canção como a escrita por Geraldo Vandré, intitulada *Pra Não Dizer Que Não Falei de Flores* (também conhecida por *Caminhando e Cantando*). Afinal, e principalmente numa democracia, os fins justificam alguns meios, não todos, porquanto “gado a gente mata, mas com gente é diferente”, para falar ainda com Vandré, noutra *Disparada* etapa de inspiração.

E a título de resumo conclusivo, podemos assegurar que nossa MPB, do passado e do presente, fornece variado cardápio musical, palatável a distintos gostos e preferências e suficiente para agradar, entreter e deleitar aos brasileiros e ao mundo. Nossa expectativa, contudo, reside no suposto de termos aqui oferecido um panorama geral do que há de melhor no cancioneiro popular do Brasil, não sem antes nos desculpar por alguma injustiça porventura praticada, seja pela inserção, seja pela exclusão de alguém ou alguma canção, decorrente da ausência de nossa *expertise* no tema ou de nosso lapso de memória.



Sugestões de leitura

MELLO, Zuza Homem de (2003): *A era dos festivais - uma parábola*. São Paulo: Editora 34.

MOTTA, Nelson (2000): *Noites Tropicais - Solos, Improvisos e Memórias Musicais*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva.